



Retrato de família

Ann Helen Wainer*

Flórida, Estados Unidos

annwainer@aol.com

Tudo começou quando ganhei de minha tia um presente muito especial oferecido numa agradável manhã de verão. Foi na Flórida, em 1995. Era um envelope médio de papel pardo, contendo o que de mais precioso meu tio possuiu. Tio Félix foi o único irmão do meu pai, o mais velho, que conheci.

Poucos restaram de uma família outrora tão grande. Pressentia, portanto, que conhecer o conteúdo do invólucro seria equivalente a um mergulho de cabeça dentro de mim. Precisava deixar conduzir-me a minha essência. Uma primeira reflexão: como é que uma pessoa pode ficar reduzida ao material de um único envelope? E ademais, o que será que nele estaria guardado de tão representativo? Sabia que meu pai havia lutado corpo a corpo, com bravura, contra os alemães invasores. Foi inclusive condecorado com uma medalha pelo Alto Comando do Exército Polonês. Mesmo sendo herói de guerra – como comprovei por intermédio de documentos existentes em seu arquivo pessoal – esse assunto, para alguns, glorioso, era tabu na família. Imaginem, então, quanto ao fato do meu tio ter tido uma esposa e um filho que não sobreviveram ao Holocausto! Sobre isso não se podia falar. Afinal de contas, do que se podia conversar?

Quando tio Félix morreu, como não teve outros filhos, não havia quem falasse o *Kadish*. Solicitei, nesse caso, os serviços religiosos na *Yeshiva* do Rio de Janeiro. Minha tia providenciou o mesmo em sua cidade. E, na primeira oportunidade, ofereceu-me, em mãos, o envelope, que foi alcançando seus próprios objetivos. Tal qual um decreto. Imperativo! E tudo mudou! Aquela manhã foi, sem dúvida, um divisor de águas. Tornou-se o momento que alterou o rumo de minha vida. As revelações passaram a me perseguir, determinando sonhos e atitudes de investigação, comandando pesadelos. Eu não queria. Não queria ler, quanto mais ouvir suas declarações. Tomar ciência de fatos tão angustiantes... Mas, como nada acontece por acaso, sabia que precisava voltar ao passado. Para tanto, a partir daquela manhã foi preciso parar de fingir, de viver sorrindo, e enfrentar uma dolorosa viagem ao passado.

* Advogada, jurista e Mestre em Artes e Estudos Religiosos pela Florida International University (FIU).



Ao abrir o envelope, percebi que havia dois atestados de óbito. Um, do meu avô e um da minha tia. Tio Félix passou o final de seus dias cuidando dos nossos poucos parentes que sobreviveram aos campos de concentração. Existe maior *mitzvah*?

Depois, havia também a fotografia de uma lápide com inscrições em hebraico. Tratava-se do túmulo do meu avô. Ele foi enterrado em Israel, conforme desejo manifestado em vida. Na caderneta que acompanhava a foto, a primeira revelação. Constava o nome do meu bisavô paterno – Mordechai Yossef. Como é que pode? Nem o nome do meu bisavô eu tinha noção! Mordechai é uma das personagens centrais da história de *Purim*... e fui alcançando o último objeto do envelope. Uma fita cassete preta. Por fora, algumas indicações. De um lado, nome do entrevistador, local e tempo da entrevista – duas horas de duração. Tudo isso? Do outro lado, o nome do declarante e uma data: 12 de abril de 1985. Afinal, do que é que se tratava? Minha tia explicou que uma pessoa de uma universidade norte-americana entrevistara meu tio antes de morrer. Ela mesma não teve coragem de ouvir a gravação. Teria sido por antever a dramática proporção das informações contidas? Mas, eu tive que me preparar para vencer uma grande resistência em ouvir a fita. Era a oportunidade de entender a alma do entrevistado. O que será que ele havia dito? Ouvir o conteúdo do depoimento significava tomar consciência da dissolução de uma família. Essa família podia ser como tantas outras, mas era a minha. E saber sua história era conhecer a minha própria história. E ali onde estava, foi ocorrendo uma modificação. Para romper a barreira e começar a longa travessia no tempo e no espaço. Para trás. Solitária nessa jornada, fiquei grávida dos meus. E ouvi seus clamores, súplicas e lágrimas. Resgatei meus familiares mortos, com suas dores, tristezas, humilhações e esperanças. Sonho e realidade passaram a se misturar, rumo a uma audaz odisséia. Jornada da alma dentro de um corpo físico. No mundo real e de fantasia. Para rever a saga dos mortos. Anônimos. Conhecer os desconhecidos... assumir minhas origens.

A fita contendo a gravação de Félix Cooper encontra-se arquivada na Biblioteca de Historia Oral do Holocaust Documentation and Education Center. É para que as futuras gerações conheçam e não se olvidem do passado, com o intuito de documentar a natureza humana. Contudo, em seu lado mais sórdido. Hoje compreendo a razão pela qual gravar uma fita é mais fácil do que conversar sobre os horrores da Segunda Guerra Mundial. Quem quer lembrar-se de humilhações e de vergonhas? Imensas e profundas dores sufocadas. Aprendi que não se diz tudo aos próprios familiares. Principalmente, olhos nos olhos. Lembrei-me do significado do verbo fitar: “fixar a vista em; olhar-se mutuamente”. Quem sabe, gravar o que se tem a dizer ou escrever seja ligeiramente mais fácil? Não há ninguém olhando nos olhos e aí se consegue esconder um pouco melhor o sofrimento.



Finalizando, não posso deixar de mencionar a ampla pesquisa que realizei com o auxílio do Survivors Registry Research Institute, do United States Holocaust Memorial Museum, em Washington. Ali estão catalogadas as listas contendo os sobreviventes de sobrenome Kuperwasser, bem como aqueles da cidade dos meus familiares na Polônia, Zaklikow. Graças a esse trabalho, foram retomadas algumas preciosas amizades e parentes, redescobertos. Também foi possível reconstituir o local onde outrora habitava uma linda e numerosa família judaico-polonesa ortodoxa. Para a qual, com carinho e ternura, extensivamente ao povo judeu – que se encontra espalhado pelo mundo – dedico o livro *Retrato de família*.¹

Rio, inverno de 1998.

Recebido em: 17/09/2017.

Aprovado em: 09/10/2017.

¹ WAINER, Ann Helen. *Retrato de família*. Rio de Janeiro: Imprimatur, 1998.